

# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



## A peregrinação anual da diocese de Leiria

A temperatura de cair inténso, quási tropical, que tornava a atmosfera irrespirável e parecia abrasar as próprias rochas da serra de Aire, sucedeu, contra toda a expectativa, um dia de céu nublado e relativamente fresco — o dia 13 de Agosto último, data em que se realiza anualmente a grande peregrinação diocesana de Leiria.

Os devotos que acorreram de diversos pontos do país e, em grande multidão, das 59 freguesias do Bispado para render as suas homenagens de veneração, reconhecimento e amor filial a

Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, elevavam-se a muitas dezenas de milhar, apesar da dificuldade de obter meios de transporte.

Na noite precedente, efectuou-se, como de costume, a procissão das velas — manifestação de fé e piedade que constituiu o espectáculo majestoso e tocante de sempre.

A meia-noite começou a cerimónia da adoração geral do Santíssimo Sacramento solenemente exposto no altar exterior da Basílica. Rezou-se o terno, tendo o

de Oliveira explicado nos intervalos das dezenas dos mistérios gloriosos do Rosário.

Seguiram-se as horas de adoração privativas das peregrinações da Urqueira, Ceissa, Pataias e outras.

As 6,30, foi dada a bênção eucarística e feita a reposição do Santíssimo.

Logo depois, celebrou a Missa da comunhão geral o Senhor Arcebispo de Popayan (Colúmbia) que se encontrava havia dias na Cova da Iria de visita ao Santuário.

Ao meio-dia oficial, efectuou-se a primeira procissão com a imagem de Nossa Senhora da Fátima venerada na capela das apa-

rições, que, depois de percorrer no seu andor levado aos ombros das servitas as avenidas do recinto sagrado, foi colocada num pedestal ao lado direito do altar da Basílica.

Celebrou a Missa dos doentes o rev. P.º Manuel Duarte Veríssimo, da freguesia do Souto da Carpalhosa, que no domingo anterior tinha recebido a ordenação sacerdotal das mãos do Senhor Bispo de Leiria.

Foi este venerando Prelado que ao Evangelho fez a respectiva homilia.

A Schola cantorum do Seminário de Leiria cantou a Missa de Angelis.

Antes de principiar a segunda

procissão, o rev. Cônego dr. Manuel Marques dos Santos, Vigário Geral da Diocese e Reitor do Seminário, que durante a Missa fizera as invocações habituais, leu a fórmula da consagração ao Imaculado Coração de Maria.

O Senhor Arcebispo de Popayan deu com o Santíssimo Sacramento a bênção individual aos doentes previamente inscritos nos registos do Posto das verificações médicas do Santuário que eram em número superior a cem e a bênção geral à multidão dos fiéis.

Ao iniciar-se a procissão, os dois venerandos Prelados, no átrio do Rosário, do cimo da escadaria monumental, deram em

(Continua na 2.ª página)

### ACÇÃO CATÓLICA

## ESCÂNDALO

De entre as obras que levam à ruína espiritual, não deve esquecer-se o exemplo, que pode erguer até ao céu, ou afundar até ao inferno.

Todos sabem o que é uma grande vida, dourada de claridades eternas, ao lado da nossa pobre vida, enfêrma e rastejante. Cortejo dos santos é voz do Evangelho, traduzido em acção, a chamar para os cimos luminosos de Deus. A alma justa, em que se reflecte a perfeição do Senhor, exerce influência serena e penetrante, e recorda a grandeza do nosso destino!

Lição trágica do escândalo que tantos dão! As vezes, parece haver o prazer satânico de manchar, murchar ou matar a virtude, em almas naturalmente generosas e crentes.

Outras vezes, o escândalo é filho de irreflexão dolorosamente inconsciente. Ele há tantos pais que, por seus exemplos, desvendam mundos de ignomínia aos olhos inocentes de seus filhos! Tantas mulheres que, pela sua imodéstia, acendem labaredas de incêndios devastadores, em pobres corações já inclinados a ferozes anarquias sensuais! Tantos amigos que arrastam ao mal os seus amigos, pelo mal que diante deles praticam!

Com frequência, até pessoas que, por vocação e por missão, deviam aquecer e educar, são triste motivo de escândalo! Assassnam as almas, obscurecendo-lhes a fé e tirando-lhes o perfume dos sentimentos nobres.

Ai daqueles que, deste modo, se tornam serventuários do poder das trevas, que arrastam ao mistério das trevas.

Talvez sejam incapazes de desviar um ceítil, talvez sentissem indignação funda, se fôsse acusados de menos leais, ou menos justos. Todavia, não hesitam em dar ao mundo sombrias lições de escândalo.

De que vale o dinheiro, quando comparado com o valor da virtude? E serão tão leais e justos como supõem? Há, porventura, justiça e lealdade, quando se realizam actos que são estímulo de fraquezas inenarráveis, de lamentáveis faltas?

Recordam-se as palavras do Senhor: «O que escandalizar um destes pequeninos, que creem em mim, melhor lhe fôra que se lhe dependurasse ao pescoço a mó que o jumento faz girar, e que o lançassem no fundo do mar.

Ai do mundo por causa dos escândalos! Porque é necessário que sucedam os escândalos, mas ai daquele homem por quem vem o escândalo!»

Ai de nós, se o mandato que nos foi confiado pela Igreja, não servir para salvação, mas para perdição!

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

## Graças de N.ª S.ª da Fátima

Acêrca da cura da miraculada D. Margarida de Jesus Rebelo, publicamos a seguinte Provisão do Senhor Bispo da Guarda:

D. JOSÉ ALVES MATOSO, POR MÉRITO DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA, BISPO DA GUARDA:

Mantendo-se, como é público e notório, a cura, na Fátima, no dia 13 de Maio último, da Nossa diocesana D. Margarida de Jesus Rebelo, nascida e residente nesta cidade da Guarda; e sendo conveniente fazer-se um estudo diligente e consciencioso, com critério científico, do facto, co-

nhecido em todo o Portugal, encargamos deste trabalho o Rev.º Dr. Manuel Mendes do Carmo, Professor de Teologia no Nosso Seminário.

Ouvirá as pessoas que mais de perto acompanharam a doença, sobretudo os Ex.ºs Médicos que a trataram e que queiram ter a gentileza de depor sobre este facto. A Igreja, considerando os médicos assistentes testemunhas categorizadas, não lhes pede um estudo diligente e consciencioso, a sua opinião sobre se o facto é ou não miraculoso; pede-lhes, sim, o

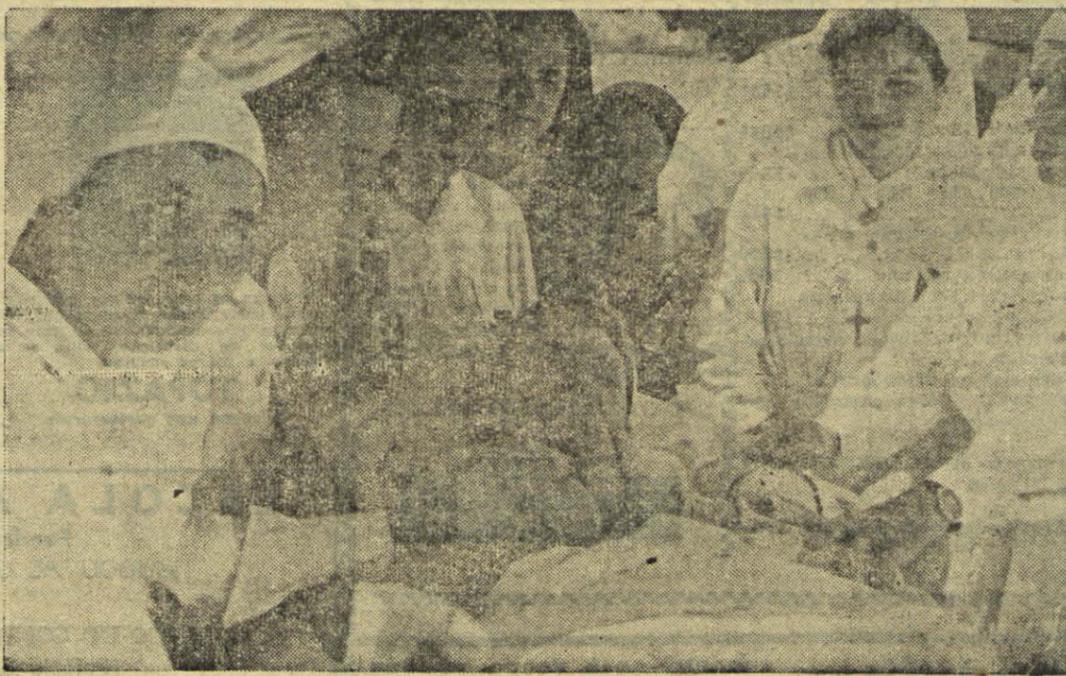
depoimento jurado sobre a doença e o seu processo ou evolução.

Do estudo feito apresentar-Nos-á o competente relatório com os elementos que lhe servirem de base.

Se o julgar necessário, convidará um sacerdote que sirva de escrivão.

Dada na Guarda, sob Nosso Sinal e Sêlo de Nossas Armas, aos quatro dias do mês de Agosto de 1944.

† JOSÉ, Bispo da Guarda



A miraculada D. Margarida de Jesus Rebelo, de cuja cura falou a «Voz da Fátima» de Junho e de Agosto

# Lição do Calvário

Neste triste «vale de lágrimas» em que a todos cabe, maior ou menor, o seu quinhão de dor, ouvem-se muitas vezes os impios e até muitos que têm fé, acusar Deus de cruel e injusto porque, sendo Pai, não poupa os Seus filhos ao sofrimento.

Pobres almas, pobres cegulhas que não compreendem ou não querem compreender os desígnios do Senhor!

Para todas elas a grande resposta, a resposta divina é o Calvário que a dá afirmando que o sofrimento não é uma injustiça nem uma crueldade. Nêle vemos bem patente a dor sob três aspectos: a dor divina, a dor humana que se resigna e a dor humana que se revolta. Pelas duas primeiras vemos que Deus é justo e bom; pela segunda que, há crueldade no sofrimento, essa crueldade não vem de Deus mas do próprio homem.

A terra é um imenso Calvário plantado de cruces, mas acima de todas, dominando todas e avistando-se de todos os horizontes do mundo, está a cruz de Cristo, do divino Crucificado. E esta cruz por si só nos prova que a dor não é uma maldição nem uma crueldade.

Na verdade o grande Crucificado que nela vemos pregado é Jesus, o próprio Filho de Deus e Deus não teria feito sofrer assim Aquêlê em que Ele pôs todas as suas complacências. Aquêlê que Ele ama com um amor infinito, se o sofrimento fôsse um mal. Entregou-O à cruz porque a cruz devia ser para Ele o caminho da glória: sem a Sua horrível paixão a humanidade do Salvador não teria aquela glória especial de que hoje goza no Céu.

Em volta da cruz de Jesus estão todas as cruces humanas. Toda a alma tem a sua e mais tarde ou mais cedo chega o momento em que deve crucificar-se nela.

A direita, com a do bom ladrão, estão as cruces dos que oram, dos que põem a sua confiança em Deus e se submetem à Sua vontade divina. A esquerda, com a do mau ladrão, es-

tão as cruces dos que negam a Deus ou O blasfemam.

Como é terrível o sofrimento dos que duvidam, dos que não creem, dos que não rezam e se revoltam! Por mais que se contorçam sobre as suas próprias cruces, com essas contorções só conseguem alargar mais as feridas ou tornar a agonia mais dolorosa ainda. E para lá da morte espera-os um calvário de chamas mais temível ainda. Eles é que são cruéis para consigo próprios. Não é Deus que os condena: são eles que escolhem o inferno. Como ao bom ladrão o Senhor lhes oferece as Suas divinas bênçãos que fortificam e consolam; porque as repelem e afastam?

Pelo contrário, a cruz é doce para os que oram e amam. Dá-lhes cá na terra um Deus por companheiro dos seus sofrimentos e um Deus como recompensa no outro mundo.

Dois grandes forças fazem compreender e suportar a dor: — o amor e a esperança.

Primeiro que tudo o amor. Quando se sofre e se tem junto de si um coração amigo onde apoiar o seu próprio coração, é-se forte. Ora esse grande coração amigo e sempre fiel não falta nunca. É o Coração de Jesus. É Ele que nos faz companhia em todas as provações de ordem física ou moral. A Sua voz nos alivia e anima, o Seu olhar nos ilumina; e toma sobre Si metade das nossas dores.

A esperança é n'Ele ainda que a encontramos. Quando se sofre e se entrevê o fim próximo do mal, esse mal torna-se menor. E quando o sofrimento é fonte e condição de felicidade e esta felicidade é imensa, não somente se aceita, mas bendiz-se, ama-se, deseja-se o sofrimento. Ora Jesus repete-nos o que disse ao bom ladrão. «Hoje, isto é, em breve (a vida é tão curta que não chega mesmo a um dia comparada com a eternidade) tu estarás comigo no Paraíso».

Suprema e consoladora solução do problema da dor que o Calvário nos dá.

# A peregrinação anual da diocese de Leiria Senhora da nossa ternura, rogai por nós...

(Continuação da 1.ª página)

conjunto a bênção episcopal ao povo.

O Senhor Bispo de Leiria benzeu em seguida os objectos de piedade que os peregrinos queriam que fôsem benzidos e que eles apresentaram para esse fim.

Não obstante ser domingo, assistiram aos actos religiosos muitos sacerdotes bem como muitos seminaristas.

No certame catequístico, que se efectuou antes da Missa dos doentes, obtiveram prémios crianças das catequeses de Leiria, Freixianda e Mira de Aire.

No mesmo dia celebrou a primeira Missa na capela das aparições, rodeado de sua família, o rev. P.º José Gomes, de Carvalhosa (Paços de Ferreira), pertencente à diocese de Beja, que concluiu o curso teológico este ano no Seminário de Évora.

Dois curas miraculosas assinalaram esta peregrinação, que se realizou poucos dias depois da celebração das bodas de ouro sacerdotais do venerando Senhor Bispo de Leiria. Essas curas verificaram-se durante a bênção dos doentes em duas mulheres que de madrugada tinham recebido os últimos sacramentos. As miraculadas eram uma do Pôrto e a outra de Ferreira do Zezere, ambas estavam tuberculosas em terceiro grau. Uma delas já tinha ido dezasseis vezes à Fátima a fim de pedir a sua cura a Nossa Senhora.

Várias pessoas viram completamente cicatrizadas as grandes chagas que uma tinha espalhadas pelo corpo e que a faziam sofrer horrivelmente ainda momentos antes.

É escusado dizer que a notícia destes milagres se propalou rapidamente entre a multidão, retirando-se os peregrinos com a alma suavemente comovida por mais esta manifestação do poder de Deus e da bondade maternal da Santíssima Virgem.

## VISCONDE DE MONTELO



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original

## TOPÁZIO

A venda nas ourivesarias.

## ESCOLA ACADÉMICA

Fundada em 1847

MUDOU AS SUAS INSTALAÇÕES

para o

LARGO DO CONDE-BARÃO, 47 — LISBOA (Palácio Condes de Pinhel)

Internato e Externato para o sexo masculino ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

Senhora que o sois também de quantos títulos formosos vos têm oferecido os povos, aceitai de todos o mais humilde por ser o que vos damos: Senhora da nossa ternura, rogai por nós.

Dai-nos os Vossos braços de Virgem para envolver de pureza os que amamos, e abraçai-os por nós.

Que sejam eles e não os nossos os portadores da íntima ternura mais santa nos nossos corações.

Dai-nos as vossas mãos de Mãe amorosíssima de Jesus, para que puras como graças divinas, sejam elas e não as nossas, profanas, desajeitadas e tristes a afagar os nossos mais queridos!

Dai-nos ainda ó Mãe celeste! o vosso poder de oração como nossa medianeira para Cristo como meio de salvação dos maiores perigos da vida e da morte que nos cercam.

Senhora da nossa ternura rogai por nós!

Porque por mais inocente que transborde da nossa alma a torrente da caridade, não esqueçamos jamais que a nossa ternura é humana e portanto as suas tendências exuberantes que poderão venturosa ir perturbar a modéstia cristã tão agradável ao Senhor...

O coração reclama todavia impe-

riosamente os seus direitos, sem rancinjos que possam valer-nos?

Quem nos valerá então se não for a Mãe Santíssima a quem à hora da morte Jesus Cristo nos confiou?

Quanto mais sentida, mais elevada, e mais firme, é pois a nossa ternura, mais docemente a confiamos também a Nossa Senhora, para que seja a depositária única do nosso tesouro.

Quem sabe se faltando-nos o seu maternal amparo, depressa a veríamos desperdiçada e até incompreendida pelo temporal desfeito das paixões desencadadas pela intemperança?

Só a Rainha dos Anjos poderá, pois, convenientemente guardá-la e distribuí-la.

Senhora da nossa ternura, guardai-nos e guardai-a.

Porque só Vós, Senhora, que o sois também da nossa Fé e da nossa Esperança, penetrais até ao fundo da nossa alma atribulada.

Amar é sofrer, e a nossa sofreguidão de amor é cada vez mais alta do que tudo quanto é alto no mundo, pois só fora do mundo e por esse mesmo amor puro, se realiza libertando-nos das labaredas terrestres.

Senhora da nossa ternura, rogai por nós!

## Uma cerimónia religiosa, na catedral católica de Londres

O Arcebispo de Westminster dirige saudações aos peregrinos portugueses reunidos em Fátima.

Na catedral de Westminster, em Londres, celebrou-se ontem à tarde uma imponente cerimónia, em honra de Nossa Senhora da Fátima, presidida pelo Arcebispo Primaz Católico de Inglaterra.

Após a cerimónia, o prelado, falando ao microfone da B. B. C., pronunciou uma mensagem de saudação aos católicos portugueses, e nomeadamente aos peregrinos reunidos, agora, em Fátima, da qual damos, a seguir, um resumo:

«Em nome da hierarquia católica e de todos os católicos da Inglaterra e do País de Gales, quero enviar, nestas palavras, uma saudação afectuosa ao Cardeal Patriarca de Lisboa, a todos os Prelados, sacerdotes, homens e mulheres católicos de Portugal, congregados hoje e amanhã, para honrarem a Virgem Santíssima na Cova da Iria, que é, hoje, lugar sagrado e conhecido e venerado em todo o mundo.

Conhecemos a vossa fé, o vosso amor a Deus, a vossa lealdade à Santa Igreja, a vossa devoção à Mãe de Deus, também querida Mãe dos portugueses através da sua história.

Tendes hoje o grande privilégio de

**NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.**

vos poderdes reunir em Fátima e pedir a Nossa Senhora a paz para Portugal e para todo o mundo.

Pedi-lhe, fervorosamente, que olhe com olhos misericordiosos para o mundo que sofre; pedi-lhe pelas nações flageladas pelos horrores da guerra, pela juventude cuja vida é cortada em flor, pelos prisioneiros, pelas crianças, pelos velhos e pelos doentes. Unimos as nossas às vossas preces.

Que Ela, a Senhora e Rainha da paz, vos proteja e guarde a vossa pátria e os vossos governantes, de todo o mal, na lealdade das vossas almas, da vossa vida ao seu divino Filho.» (Das «Novidades» de 13-5).

### ATENÇÃO!!

Sedas e tecidos de algodão para Campo e Praia a preços baratíssimos!!

- Tecidos leves lindíssimos m.º 11\$50
- Sedas estampadas reclamo desde m.º 18\$50
- Piquets seda finos, lindos tons m.º 32\$50
- Crepes china estampados modernos desde m.º 25\$00
- Meias seda gase fina 11\$50
- e ... 8\$50
- Meias algodão grande duração ... 3\$90
- Meias escócia reclamo ... 5\$80
- Tecidos leves com barquinhos moda p.ª praia m.º ... 17\$50
- e muitos outros tecidos últimas novidades!

Enviamos amostras grátis! Província e Ilhas enviamos tudo contra-reembolso

Armazem de A COMPETIDORA DAS MEIAS

R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.º LISBOA

### REMEDIO D. D. D.

ECZEMA, IRRITAÇÃO CUTÂNEA, IMPINGENS, ÚLCERAS DAS PERNAS, SARNA, FURÚNCULOS, CASPA, ACNE, CORTADELAS, ESFOLADELAS, QUEIMADURAS, PICADAS DE INSECTOS, PSORIASSE, DERMATITE, PÉS DORIDOS,



eis os títulos das batalhas ganhas pelo remédio D. D. D.

Este famoso Remédio é a conclusão de muitos anos de pesquisas e experiências levadas a cabo pelo corpo de especialistas da Companhia D. D. D., de Londres, que somente se ocupa do tratamento das doenças da pele.

NADA IGUAL! NADA MELHOR!



### Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA

**PRINCESA das MEIAS**

**Armazéns Populares Da Princesa das Meias**

Rua do Crucifixo, 75, 1.º Lisboa (próximo da Igreja N.ª S.ª da Vitória)

É a «Grande Empresa de Vender Barato!!» que está em toda a parte!...

Meias seda lote saldo	8\$50
Meias seda fina de 1.ª	10\$80
Meias seda finíssimas	12\$80
Meias seda natural	15\$80
Meias linho e seda «Parisette»	17\$50
Veus seda pretos arrendados p.ª ir à Igreja	17\$50
«Surahs», padrão novidade	29\$50
«Mousse Quadrilê» bonitas cores	25\$00
Crepes seda, lindos desenhos	16\$50
Piquets riscas cor	12\$80
Voils alg. estampados	12\$90
Linhos sintéticos, novidade	12\$50
Eponge e seda, bonitas cores	21\$80

Províncias e Ilhas, enviamos Amostras Grátis e tudo a contra-reembolso!!!

# Graças de N.ª Senhora da Fátima O PÃO NOSSO...

## AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

## NO CONTINENTE

**D. Deolinda Maria Patricio, Lisboa,** escreve: «Minha filha Deolinda, de 17 anos, adoecera com febre tifóide quando eu regressi da minha terra, S. Simão de Litem, a Lisboa. Sobreveio-lhe uma miocardite turberculosa. Foi tratada pelos médicos Dr. Alberto Pestana e Dr. Abilio Costa os quais me avisaram que minha filha sucumbiria fatalmente àquela enfermidade. Se a medicina era impotente, eu confiei que Nossa Senhora da Fátima faria o que os homens não podiam conseguir. Recorri então, com muita fé, à Mãe do Céu, e comeci novenas após novenas; ao findar a quinta novena, mandei chamar o senhor Prior para administrar os últimos sacramentos à doentinha, confiando que seria essa a ocasião asada em que a minha filha sentiria melhoras. Efectivamente, após a Comunhão principiou a melhorar; examinada pelos médicos, estes logo deram o dito por não dito; minha filha estava salva. Hoje goza de excelente saúde, favor bem visível da intercessão de Nossa Senhora da Fátima, e já foi à Cova da Iria agradecer à Mãe de Deus. Segue a declaração médica: «Declaro que a menina Deolinda Patricio, de Lisboa, e acidentalmente a residir em Aleixa, freguesia de S. Simão de Litem, concelho de Pombeiro, esteve gravemente doente com febre tifóide, posteriormente, agravada ainda com uma miocardite, durante outubro, novembro e dezembro de 1943. Albergaria dos Doze, 11 de Agosto de 1944, Abilio Costa (médico).»

**D. Maria Adozinda da Fonseca Melo, Orjais,** encontrando-se gravemente enferma com uma febre tifóide, obteve a graça da sua cura que atribui à intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Diz o Rev. Pároco, P.º Jerónimo Soares de Almeida: «Atesto sob minha honra que Maria Adozinda da Fonseca Melo, de 17 anos de idade, encontrando-se a servir em casa da senhora D. Leopoldina Franco Chorão, fôra acometida de uma febre teimosa que a pôs às portas da morte. Tendo esta senhora, que era sua madrinha, recorrido a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena, obteve a sua cura, em poucos dias, achando-se já completamente boa. Como prova de gratidão manda publicar esta grande graça.»

**Jose Nunes Marques, Vale de Prazeres,** diz que 7 meses havia que encurdara de um ouvido absolutamente. Os tratamentos médicos nada fizeram. Sucedeu que no dia 13 de Maio, do corrente ano, se dirigiu, na companhia de uns amigos, à Casa do Povo, a fim de ouvir pela rádio as cerimónias da peregrinação nacional ao Santuário da Fátima. No momento das invocações, principiou a sentir um grande prurido no ouvido surdo, tão grande que o impressionava. Lavou, pois, nessa ocasião o ouvido, e de caminho, ficou a ouvir perfeitamente com grande admiração dos seus amigos.

**D. Francisca C. S. Peixoto, Porto,** diz que sua filha Margarida, adoecera gravemente com um abcesso num rim. O seu estado era de cada vez mais grave. Tiradas diversas radiografias, e reunida uma conferência médica declararam que era imperiosa a necessidade de uma operação.

Em conjuntura tão dolorosa, a pobre mãe, cheia de confiança em Nossa Senhora da Fátima e cheia de fé, pediu-lhe que a operação fosse evitada. Todos os dias dava à enferma água do Santuário da Fátima, e sucedeu que, de dia para dia, as melhoras se foram acentuando, com espanto do médico que declarou não ser precisa qualquer intervenção cirúrgica. São já passados três anos e sua filha, graças a Nossa Senhora da Fátima, tem continuado bem. Porto, 30 de Junho de 1939.

**Ir. Maria Belarmina dos Anjos,** enfermeira no Hospital de Paredes, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida por sua intercessão. E é como segue: «Tendo chegado a este Hospital, Maria Irene Moreira Duarte, gravemente doente, empregaram-se todos os meios para a salvar; apesar disso o mal aumentava sempre. Depois de uma intervenção cirúrgica a que teve de sujeitar-se, ouvi dizer a um dos médicos que o mal era tão grave que só um milagre podia salvar a doente. Na noite seguinte fiquei, como era meu dever, a velar a pobre doentinha que estava no maior dos sofrimentos. Como já não havia remédio na ciência humana, lembrei-me de Nossa Senhora da Fátima, e prometi mandar

publicar a cura se Ela a alcançasse de Deus. No dia seguinte, com grande admiração dos médicos, a doente estava livre de perigo; no fim de poucos dias saiu do Hospital, e hoje encontra-se completamente boa, graças à nossa querida Mãe do Céu.»

## Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

- D. Maria Augusta Morgado, Constanta.
- D. Maria da Conceição, Magde, Africa.
- Joaquim Nunes Pinto O Martins, Ibidem.
- D. Maria Miquelina Correia, Sabugal.
- D. Maria Madalena de Moraes Sousa, Recife.
- D. Ondina Lemos de Lyra, Brasil.
- D. Arminia Pimentel, S. Pedro d'Alva.
- D. Rosa Celeste de Castro Neves, Gondomar.
- D. Rosa Martins Franco, Vila-Mou.
- D. Elze Alcin, Punchal.
- D. Beatriz Pinto Ribeiro, Sobreira Formosa.
- Jose Nunes Marques, Val de Prazeres.
- D. Maria Maciel Vita e D. M.ª Eulália Falcão, Recife, Brasil.
- D. Maria Laura do Rego Pedrosa, Brasil.
- Manuel dos Anjos, Pernambuco.
- D. Ursulina Martins, Valença, Brasil.
- D. Ana Cavakante Bixerra, Brasil.
- D. Maria das Dores dos Santos, Recife.
- D. Lucinda Miranda, Nazareth, Brasil.
- D. Joana Luis Monteiro, Recife.
- D. Grábilina de Jesus, Amarante.
- D. Palmira Gomes, S. Miguel.
- Fernando Manuel de Oliveira, Quelimane.
- D. Maria Natália Parente, Covilhã.
- D. Maria Rosa, Coimbra.
- D. Octávia S. Vinagre, Lisboa.
- D. Indica de Jesus, Santa Catarina da Serra.
- D. Maria Ferreira Pimentel, S. Bartolomeu (Açores).
- D. Lili Silva, Abrantes.
- P.º Manuel dos Santos Furtado, Lomba do Goução.
- D. Maria Emilia do Rosário Azevedo Branco, Conceição da Horta.
- D. Adosinda Ferreira Pico, (Açores).
- Jose Pimentel de Fraga, Terceira (Açores).
- D. Maria Ferreira de Moraes, Ervedel de Aviz.

Vamos, cachopos... Toca a arrecadar tudo que a lua vem deitada... Não há que fiar...

Tinham acabado de medir o milho que, sequinho e doirado, fazia três montes no meio da eira enquanto, em volta uma fôfa alcatifa de «camisas» aguardava também a separação e recolha; as mais branquinhas para as camas, frescas, sádias; as mais escuras para o gado.

A mãe, armada de rôdo, juntava o grão que ia alastrando, as duas filhas mais velhas, afadigadas, iam enchendo os sacos, os três mais novos retoiçavam sobre a palha ou saltavam para dentro e para fora da eira, num movimento incessante, acompanhados de dois cachorritos.

— Tudo, não! contradisse o pai que vinha chegando de ancinho ao ombro e ouvira a ordem de arrecadação completa.

E apontando o monte mais pequeno:

— Isto são cinco alqueires, não? — Sim... porquê? — inquiriu a mulher alarmada.

É que ela já sabia o costume desde que a maldita guerra durava. O marido entusiasmava-se com os negócios chorudos — o que queria era ter a carteira a abarrotar de notas — e ela às duas por três achava-se sem ter que meter na boca aos filhos.

— É porque — respondeu elle no seu modo autoritário — estes, não vale a pena arrecadá-los. Já têm outro dono! — acrescentou a meia voz.

Desta vez, porém, a sr.ª Maria dos Anjos não se intimidava. Era a saúde, a vida dos filhos que ela defendia contra a ganância ou antes a cegueira do pai.

— Que foste fazer, homem de Deus? perguntou; esforçando-se por se dominar, porque sempre tinha timbrado em que os vizinhos e até mesmo os filhos a não ouvissem alterar.

Pois não vês que nos vai fazer falta? Não sabes que o trigo foi pouco e que a batata «só por só» é fraco alimento?... Que com esta estiagem não há uma couve que se bote na panela?

— Já aí vem a chuva... Daqui a nada não falta «horta»... Arranja-te que é o mesmo que eu faço!... Trezentos escudos, cinco alqueires de milho, talvez ainda aches pouco...

— Não, Joaquim, não acho pouco, mas se fosses comigo, nem pelo dôbro os vendia. A gente não come dinheiro e, quando o não estiver em meio e tivermos fome não topamos quem nos venda um bago — seja por que preço for.

E puxando-o de parte para estar mais à vontade:

— Ora dize-me cá: que precisão tinha a nossa aldeia de passar mal? Não falta para aí quem pregue contra o Governo por obrigar cada qual a vender-lhe — e pelo preço que elle entende — o que tem a mais dos seus gastos e que é para repartir pelos que não têm. Pois se dêsse que cá fica se não deixasse ir nada para fora da aldeia e todos fôssem unidos e se remediassem entre si, a gente nem dava pelos males que vão pelo resto do mundo. Já é ser mal agradecido a Deus Nosso Senhor!

O Joaquim do Vale trazia «um grão na asa» e a pinga nem sempre lhe dava para rabujar. Era quando se fazia mais fanfarrão mas às duas por três fraquejava, de olhos lagrimejantes.

Sentou-se no rebôrdô da eira, puxou do lenço vermelho e enquanto a sr.ª Maria dos Anjos ia manter os cachopos na ordem — que estavam mesmo desenfreados com a brincadeira — monologava:

— Sempre tenho uma mulher... que fala que nem um «doitor»! Benza-a Deus! Se adrega a ser homem, poucos haviam de lhe levar as lampas...

— Mãe... um bocadinho de pão!...

— Mãe... só um bocadinho dê!...

— Mãe... Há tanto tempo que a gente não tem broa!

A sr.ª Maria dos Anjos, junto da lareira, voltou ainda o rosto mais para o lume para que os pequenos que acabavam de entrar lhe não vissem as lágrimas a quererem saltar dos olhos.

— Não há pão, filhos... o padeiro não cozeu... Mas temos batatinhas e couves... E não falte a graça de Deus!

Batatas e couves... uns feijões-zitos de vez em quando — que o ano fôra escasso — e era tudo o que havia naquela casa, outra-tão farta. O padeiro! Estar sujeita ao padeiro, ao racionalamento do povo em geral, quando ela tinha terras de amanhã que sempre lhe tinham dado para si e ainda para matar muita vez a fome a quem lhe batia à porta a pedir um bocadinho de pão! Ah, que se o marido a tivesse ouvido e se não se deixasse ir em negócios escuros, quasi sempre tratados à porta da taberna...

Fome, sim... Havia fome na aldeia... As arcas que dantes se enchiam de milho, de trigo, de cevada, de centeio — que aquela terra abençoada de tudo dava — mais aqui, mais ali — a meio do ano estavam miseravelmente vazias. Os homens, de estômago insatisfeito, mais iam entrando pela pinga, as mulheres andavam pálidas e curvadas, as crianças olheirentas e tristes, muitas a pedir de porta em porta.

Era a guerra que grassava no resto do mundo? Eram as medidas do Governo absurdas? Não! a culpa era simplesmente dos que se deixavam tentar por vendas ilícitas, a pregos fabulosos...

— Não pode ser... Isto não pode ser... — repetia com os seus botões a boa mulher enquanto enchia as malgas de sopa até à borda. Não podem andar calçados, andem descalços, não há dinheiro para comprar remendos, andem rotos, mas ao pãozinho não se lhe pode, não se lhe deve fugir! É uma maldade... É um pecado não zelar em primeiro lugar a saúde dos filhos que o Senhor nos deu... Ai, que responsabilidade a dos pais — quanto à alma, e quanto ao corpo! Bem basta, como diz o sr. Prior, tanta gentinha de outras terras que morre à fome porque, com a guerra não se pode amarrar!...

— Mãe... não quero mais sopa... — Mãe... o que eu queria era um pedacinho de broa... — Calai-vos, filhos, que já vos não posso ouvir — bradou então a sr.ª Maria dos Anjos agora sem pretender já dissimular as lágrimas.

Mas, nisto alguém batia à porta:

— Dá licença, comadre?

— Entre, comadre... Então por cá?

— É verdade... Vim à feira dos 4 e já agora, venho vê-la e passar cá a noite se me deixar...

— Ora essa... Isso é coisa que se diga... Venha ceiar... Fraca ceia...

— Obrigada... já ceiei... E trago aqui umas merendeiras para os cachopos, cozidinhas de ontem... Vai pr' ai um «lavarinto» por falta de pão que é uma dor d'alma... Pois a mim e à minha gente o demô seja surdo — ainda me não faltou. Não que eu... do que o Grémio me deixa, não vendo nem um grão... Nem que fosse a pêso de ouro! Mais depressa o dou por amor de Deus, que esse é o que mais rende...

M. de F.

## Movimento no Santuário VOZ DA FATIMA

### DESPESAS

Julho 17 — Principiou o retiro espiritual do Clero da diocese de Leiria. Foram conferentes os Revs. P.ºs Eugénio Jalhay, S. J. e Manuel Setúbal Lopes, S. J. Assistiu ao retiro Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria.

Julho 22 — Veio em peregrinação um grupo de lavradores alentejanos presididos pelo Sr. António Gouveia Botelho, de Gáfete, que mandou celebrar uma missa na Capelinha das Aparições, em acção de graças pela chuva que beneficiou as searas no Alto Alentejo.

Julho 23 — Três professores de Direito, espanhóis, da Universidade de Coimbra, vieram visitar o Santuário da Fátima, acompanhados por um estudante de Direito, português.

Julho 24 — Principiou o retiro espiritual para o Clero de Evora e Beja, a que assistiram os Prelados das duas dioceses. Eram cerca de 100 sacerdotes. Foram conferentes o rev.º Senhor Dom Abade do Mosteiro de Singeverga, e D. Gabriel de Sousa, O. S. B.

Julho 29 — Esteve no Santuário, acompanhado de sua Ex.ª es.ª p.ª o Senhor Embaixador do Brasil, Dr. João Neves da Fontoura.

Agosto 2 — Chegou Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Juan Manuel González, Arcebispo de Popayan (Colômbia).

Agosto 3 — Principiou o retiro espiritual para Terceiras Franciscanas. Foram conferentes os Revs. P.º Manuel Taveira da Silva, Provincial dos Franciscanos em Portugal, P.º Augusto de Araújo e Fr. Diogo Crespo, O. F. M.

Agosto 5 — A Congregação das Servas de Maria veio neste dia consagrar-se a Nossa Senhora. Para isso veio propositadamente de Roma a Rev.ª Madre Geral da Congregação Fernanda Tubaren Altelaquirre. Veio com ela um grupo de religiosas de Lisboa, entre as quais a Secretária Geral, Bonifácia Goñi. Veio também o Capelão D. Jesus Coloma, Pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores, de Madrid.

Transporte	2.619.007\$37
Papel, comp. e imp. do n.º 263	25.632\$55
Frang. Emb. Transporte de n.º 263	7.033\$16
Da Administração	300\$00
Total	2.651.973\$08

### Esmolas desde 15\$00

Joaquim do Nascimento João, Vilmoso, 31\$00; José Moreira Lopes, Paço de Sousa, 20\$00; D. Ana Augusta de Oliveira, Évora, 20\$00; Mons. Manuel Jorge da Fonseca, Parede, 20\$00; D. Deolinda Maria de Oliveira, Ovar, 20\$00; P.º Joaquim Nunes Ribeiro, Castelo-Novo, 40\$00; Vitor Sousa Cordeiro, Açores, 20\$00; Gil José de Sousa, Vila do Porto, 20\$00; D. Maria dos Prazeres Almeida, Lamego, 30\$00; António de Barros, Chaves, 20\$00; D. Olga Nunes Pereira, Santa Cruz, 25\$00; D. Carolina Chaves, S. Paulo, Brasil, 25\$00; D. Ana Lewis, New Bedford, 22\$00; D. Catarina Peralta, Niza, 20\$00; António Pereira da Luz, Povoação, 20\$00.

# Crónica financeira

A guerra parece e dizem que se aproxima rapidamente do fim. Suponhamos que assim é: Que virá depois?...

A esta pergunta ninguém pode responder ao certo, e por isso mesmo é que se ouvem as opiniões mais desencontradas.

É manifesto que o que há-de vir no fim da guerra será tanto pior quanto mais tarde vier a paz e tolo será quem desejar que a guerra se prolongue com medo do que há-de vir.

Pelo que nos diz respeito, o fim da guerra é principalmente o fim do bloqueio, isto é, os mares livres à passagem de todas as mercadorias e de todas as pessoas, e portanto a possibilidade de trazeremos das nossas colónias tudo quanto quisermos e pudermos sem licença de ninguém. E quem diz das nossas colónias, diz do resto do mundo. Até a mão me treme ao pensar que decerto em breve será restabelecida no mundo a mais palpável de todas as liberdades que é a liberdade de trânsito!

Para nós significa isso a possibilidade de nos abastecermos de açúcar, de oleaginosas (e portanto de sabão), de milho, de carne, de cabedais, de café e de muitos outros artigos que nos vêm das colónias e que de lá podemos trazer livremente.

Mas também significa a possibilidade de nos abastecermos de trigo, de gasolina, de carvão, de ferro, de lã, de algodão, de sulfato e enxofre, de adubos químicos, numa palavra, de tudo quanto nos falta hoje por vir de fora.

Em troca de todas estas mercadorias teremos nós de dar produtos nossos, vinhos, madeiras, conservas, cortiças, frutas frescas e secas, bebidas brancas, resinas, etc., etc.

Ora é política hoje universalmente aceite que no fim desta guerra se devem segurar as cotações para que a sua baixa não venha provocar uma crise semelhante à que se deu no fim da outra. Quere dizer, ainda mesmo que no fim da guerra os preços das mercadorias tendessem a descer, tanto a Inglaterra como os Estados Unidos não o consentiriam para evitar uma crise económica.

Aliás os preços subirão em toda a parte no fim da guerra, porque em toda a parte, ou pelo menos nas principais nações do mundo, tanto os produtos como as matérias primas estão tabeladas abaixo do seu verdadeiro preço. Acabada a guerra, acabarão as tabelas mais dia menos dia, e os preços subirão. A mesma subida de preços se verificará entre nós, a não ser que queiramos dar de graça os nossos produtos ao estrangeiro ou aos exportadores, ou que o Estado passasse a exportar por sua conta. Mas ainda mesmo que isto se fizesse, os preços subiriam, como têm vindo a subir desde o princípio da guerra, sem surpresa para os nossos leitores habituais que foram aqui prevenidos variadíssimas vezes e a tempo e horas.

Esta liberdade de trânsito marítimo não basta, porém, para nos garantir o completo abastecimento de tudo que nos falta, porque em duas coisas continuamos a depender do estrangeiro: nos transportes e naquilo que nos falta e as nossas colónias não produzem que baste para elas e para nós, como carvão e trigo, por exemplo. No que respeita a géneros alimentícios, o lavrador terá de se fiar só na prata da casa ainda por muito tempo.

Pacheco de Amorim

## CONVERSANDO

# A LIBERTAÇÃO DE ROMA

Passou já o colapso dos bombardeamentos e a ameaça de grandes batalhas sobre Roma, que, durante dias e dias, teve em angustiosa expectativa os fiéis do Mundo católico e todos os espíritos sinceramente interessados na existência de uma humanidade melhor. E que as poderosas hostes, que, ainda há pouco, se batiam em sua volta, deslocaram-se mais para o norte, poupando-a, em rumo que as aproxime da Europa central, onde, dizem as vozes, virão a dar-se as batalhas decisivas da actual grande guerra.

Deste modo a Cidade eterna deixou praticamente de ser objectivo necessário de operações para os Exércitos beligerantes.

Eis um facto que vem accentuar o sentido de uma longa evolução histórica a bem da paz e civilização cristã.

Viram-se sempre, desde a mais remota antiguidade, exércitos aguerridos pararem diante de Roma para logo se desviarem, respeitosos, pressentindo o glorioso destino de grandeza divina e humana que a marca através dos tempos.

Viu-se também agora, mais uma vez, nos campos ensangüentados da Itália, que exércitos encarniçados em luta, sem prévio entendimento entre si, mas comungando os mesmos profundos sentimentos da espiritualidade humana, se suspenderam no jeito, em que vinham, de ofensivas ou destruições à veneranda Cidade, passando adiante.

Por isso justamente se usa já apelidar o feliz acontecimento de *Libertação de Roma*.

Deve-se este facto, manifestamente e até por declarações solenes dos próprios Comandos, e dos respectivos Governos, ao prestígio do primado espiritual da Igreja, ao zelo apostólico e à presença augusta do Soberano Pontífice Pio XII, e à universal veneração pelos monumentos e relíquias de séculos, piedosamente guardadas dentro dos seus muros.

Foi, sem dúvida, desta maneira, uma segura vitória do espírito sobre a matéria, redundando em bom prenúncio para próxima e longa paz. Deus o queira!

Entretanto, acompanhemos do coração as alegrias pela libertação de Roma e os votos pela paz universal em que nesta hora especialmente se compraz e eleva o Sumo Pontífice Pio XII.

Na nobilíssima Mensagem de 2 de junho último pela Emissora do Vaticano, Sua Santidade novamente impetrou de Deus, com grande fervor, que dispusesse os governos e os Povos às únicas condições de paz duradoura, — condições que uma das figuras mais representativas da antiga Roma já advogava no seu tempo e que ficaram expressas na história para todo e qualquer vencedor, nesta síntese lapidar: «Conquista-te a ti mesmo; mantém a calma; poupa os vencidos; ajuda o inimigo caído».

E abençoando a todo o mundo com a esperança de que a ma-

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XLVIII

# Necessidade da crença

Quando vim ao mundo, pouco depois de receber o leite bendito de minha santa Mãe, teria eu dois ou três anos, começou logo meu Pai a educar-me.

Todas as manhãs, mal acordava, o meu querido Pai fazia-me lindas preleções de História sagrada, que foram as primeiras noções recebidas pelo meu espírito infantil.

Com que habilidade conseguia meu Pai interessar-me pela história de Adão e Eva, Caim e Abel, Noé, Abraão e Jacó, Tobias...

Já lá vão tantos anos e a minha memória ainda recorda com bastante nitidez as noções de História sagrada transmitidas por meu Pai, mal eu saí do berço.

Na adolescência, tive a infelicidade de me afastar dos Pais e de me aproximar demasiadamente de maus companheiros e de pérfidas leituras.

Perdi a fé e assim vivi durante mais de vinte anos, numa aridez espiritual, de que não posso lembrar-me sem tristeza.

Viei a chamada Grande Guerra e passei por grandes tribulações.

Senti a necessidade de rezar, mas tinham-me esquecido as orações ensinadas por minha Mãe. Minha Filha, que, tão cedo, foi acompanhá-la no Céu, dormia à minha beira.

Certo dia, mandei-a rezar em voz alta. E assim recordei com minha Filha as orações que minha Mãe me ensinara.

A essas duas santas Mulheres, que já estão com Deus, junto uma terceira, que teve a caridade de reafirmar a minha crença. Foi a minha Espôsa, a quem dava o desgosto da minha incredulidade.

Delicadamente, sem a menor discussão, sem palavras, e só com o exemplo, foi-me, pouco a pouco, demonstrando que era mais feliz que eu, porque rezava, porque ia à Missa, porque cumpria escrupulosamente os Mandamentos da Santa Madre Igreja...

E lá me foi levando discretamente pelo seu caminho, pelo caminho que minha Mãe me tinha ensinado e que eu esquecera...

Se os intelectuais tivessem a coragem de publicar as suas confissões, ficar-se-ia sabendo ao certo quanto se deve à Mulher portuguesa, qual o valor da sua obra, na manutenção da Fé que tornou grande Portugal!

J. A. Pires de Lima

*drugada de uma paz semelhante se erga brevemente sobre as colinas de Roma e sobre o Orbe», repetiu-a com toda a força da sua Autoridade, num alto e comovido clamor.*

Correspondentemente levantemos nós também nos nossos corações o eterno hino da Igreja, que é o verdadeiro programa de vida da humanidade inquieta:

*Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!*

A. LINO NETTO

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Este número foi visado pela Censura

## PALAVRAS MANSAS

# Depois da festa

Um ilustre prelado francês disse que, para um sacerdote segundo o coração de Deus, o dia das Bodas de ouro era um dia de regresso sobre si mesmo, de piedosas e santas meditações.

Este aspecto íntimo da festa, todo exame de consciência, recapitulação e acção de graças, deve ter, para quem o celebra, as mais gratas compensações, sobretudo quando se não perde de vista aquêle paternal conselho de Inocência III a um príncipe moço e bom, do seu tempo: começa as coisas bem e faz por acabá-las melhor ainda.

Não foi por esta forma que eu, de tão longe, vivi também um pouco as Bodas de ouro do sr. Bispo de Leiria. O seu a seu dono. Graças, que só vêm com os anos, sejam todas para quem os faz num plano de ascensão edificante e bendito.

Para mim pensar nas Bodas de ouro do venerando Prelado, que algum dia tive a honra de tratar por colega meu, muito amigo, o mesmo foi que voltar-me para o passado e pôr-me saudosamente a recordar. Recordar, ver só cá por dentro, ver sempre, fugir de hoje para ontem, nos tristes dias que correm, Deus do céu, como aquieta e consola!

Vi pela primeira vez o futuro Bispo de Leiria no salão dos retratos do Paço episcopal do Pôrto, ainda para além da data, que representa nas Bodas de ouro o luminoso ponto de partida. Tinha já o curso do Seminário do Pôrto e era aluno laureado de Teologia, na Universidade de Coimbra.

Pasmado e confundido, subira eu a escada principessa, de uma imponência única no país e atravessara dois grandes salões de aparato, ambos êles sem ninguém. Quando entrei enfim no salão dos retratos, e vi o futuro Bispo de Leiria junto de uma secretária inundada de luz por duas amplas sacadas, recobrei a posse de mim mesmo e senti renascer a minha esperança.

O sr. D. José já não se recorda disso, de tão longe vinha e tão obscuro era o visitante. Mas eu, que trazia comigo a curiosidade inquieta de todos os pretendentes, estou a vê-lo ainda talqualmente o vi então. Bastante nutrido, muito alvo, a fronte desanuviada e ampla, olhos cheios de luz e de firmeza, feições tão nobremente modeladas, que davam margem à previsão de serem um dia prelatias.

Passava as férias no Paço a convite do sr. cardeal D. Américo, que tivera como secretário o cônego Correia da Silva e esperava naturalmente encontrar no sobrinho a dedicação esclarecida e zelosa com que o tio o servira. E o sr. cardeal acertou mais uma vez.

De um Bispo francês, que usou também o apelido de Bossuet dizia-

-se que era o pequeno sobrinho de um grande tio... Não foi assim o sr. Bispo de Leiria, que soube continuar com honra e brilho a tradição religiosa e sacerdotal da família.

Por indicação do sr. cardeal, entreguei o requerimento em que pedia a minha admissão no Seminário do Pôrto ao ordinando Correia da Silva, que o recebeu sorridente. Tinha já então este traço característico. Tudo sorria nêle — a boca, os olhos, as feições, a voz, a própria pena a correr sobre os papéis...

Valvidos poucos anos, fui examinado por êle para confessor e pregador, tendo mais uma vez ocasião de notar que a competência de um professor é grandemente valorizada pelo ordenamento das idéias e pela nitidez da exposição. O outro examinador era o Dr. Assunção, mestre inigador, apagado a falar, mas vigoroso e brilhante a escrever.

Pela mão do futuro Bispo de Leiria entrei a escrever para a **Palavra** e para o **Debate** tiras e tiras de papel, que já então eram mansas. Ninguém, no meio católico, compreendeu melhor do que êle a necessidade instantânea e vital da boa imprensa, que insinua e radica em quem a lê, como notou Leão XIII, determinadas formas de pensar e de sentir. Boa imprensa, imprensa que leve a verdade a toda a parte, o grande e radioso e fecundo apostolado moderno!

Era de ver como êle o dizia pela palavra e sobretudo pela acção.

Colega seu, mais tarde, no Seminário e no Cabido da Sé, em anos conturbados e incertos, vi de muito perto o dinamismo admirável, sempre pronto a recomeçar, com que imprimia vigor e expansão às obras católicas e sociais, designadamente ao Círculo de Operários, que ainda hoje é para Sua Excelência um padrão glorificador.

Até que um dia, o seu grande e querido amigo, Dr. Ferreira Pinto, disse-me à porta da Sé, apontando para êle: — aqui tem o Bispo eleito de Leiria. Abracei-o logo ali e muito do coração, mas sentindo já a mágoa de o ver partir para longe, de perder a sua companhia tão afectuosa, animadora e risonha.

Em Leiria estruturou canonicamente o culto de Nossa Senhora da Fátima, que é já hoje mundial, e organizou modeladamente a diocese, apesar de ela ter sofrido, na sua existência histórica, uma longa solução de continuidade.

É o Bispo que Leiria merecia e esperava — um grande Bispo.

Bodas de ouro! Mais trabalhos e mais anos. Mas também, para o Prelado que as fez, no meio de tantos serviços e de tantas benemerências, mais respeito, mais veneração e mais amor.

Correia Pinto

## Aos Cruzados de Fátima

### Agradecimento

De diferentes pontos vem até mim a notícia que me comoveu, de muitos Cruzados de Fátima terem oferecido a S.ª Missa, recebido a S. Comunhão, feito visitas ao Santíssimo Sacramento, vias-sacras e outros actos de piedade a propósito do cinquentenário da minha ordenação sacerdotal.

Agradeço, muito penhorado, a todos e peço ao Senhor, por intermédio da Santíssima Virgem, os abençoes.

Leiria, 15 de Agosto de 1944.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

## Tiragem da «Voz da Fátima»

NO MÊS DE AGOSTO

Algarve	8.640
Angra	21.477
Aveiro	9.460
Beja	6.198
Braga	81.868
Bragança	16.848
Coimbra	15.871
Évora	4.995
Funchal	14.266
Guarda	18.379
Lamego	11.695
Leiria	14.632
Lisboa	15.583
Portalegre	14.103
Pôrto	53.531
Vila Real	25.440
Viseu	10.942

343.928  
Estrangeiro ... .. 3.923  
Diversos ... .. 11.589

359.440